

Titanic

O Navio dos Sonhos



Robert Plant

John Harper

Titanic

O Navio dos Sonhos

John Harper

ROBERT PLANT

Christian Focus Publications

ESCÓCIA, REINO UNIDO

Traduzido por

MAYSA MONTE ASSIS



Editora Verdade

WWW.EDITORAVERDADE.COM.BR

PORTO ALEGRE

2011

Copyright © 2011 Robert Plant

Título original em Inglês: – Titanic - The Ship of Dreams - John Harper
Publicado originalmente por Christian Focus Publications, Escócia,
Reino Unido

Publicado no Brasil com a devida autorização de Christian Focus
Publications, e com todos os direitos reservados para:

A Verdade, Porto Alegre, RS, Brasil

www.editoraverdade.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação
poderá ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação
ou retransmitida, de forma alguma, através de nenhum meio,
eletrônico, mecânico, por fotocópia, gravação ou outros sem a
permissão prévia da editora ou uma licença que permita o uso
restrito de cópias.

Imagem da capa: © Philcold | Dreamstime.com

Capa: Peggy Ann Rupp, Dedicated Book Services, www.netdb.com

Tradução: Maysa Monte Assis

Revisão: Ulisses Rocha Neto

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão Almeida
Revista e Atualizada.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P713t Plant, Robert

Titanic : o navio dos sonhos / Robert Plant ; traduzido por
Maysa Monte Assis. – Porto Alegre : A Verdade, 2011.

160 p. ; 12 x 19 cm

Título original : Titanic: The Ship of Dreams

ISBN 978-85-640-0603-4

1. Literatura inglesa. 2. Titanic – Tragédia. 3. Fé. 4. Coragem.
5. Esperança. I. Assis, Maysa Monte. II. Título.

CDU 820

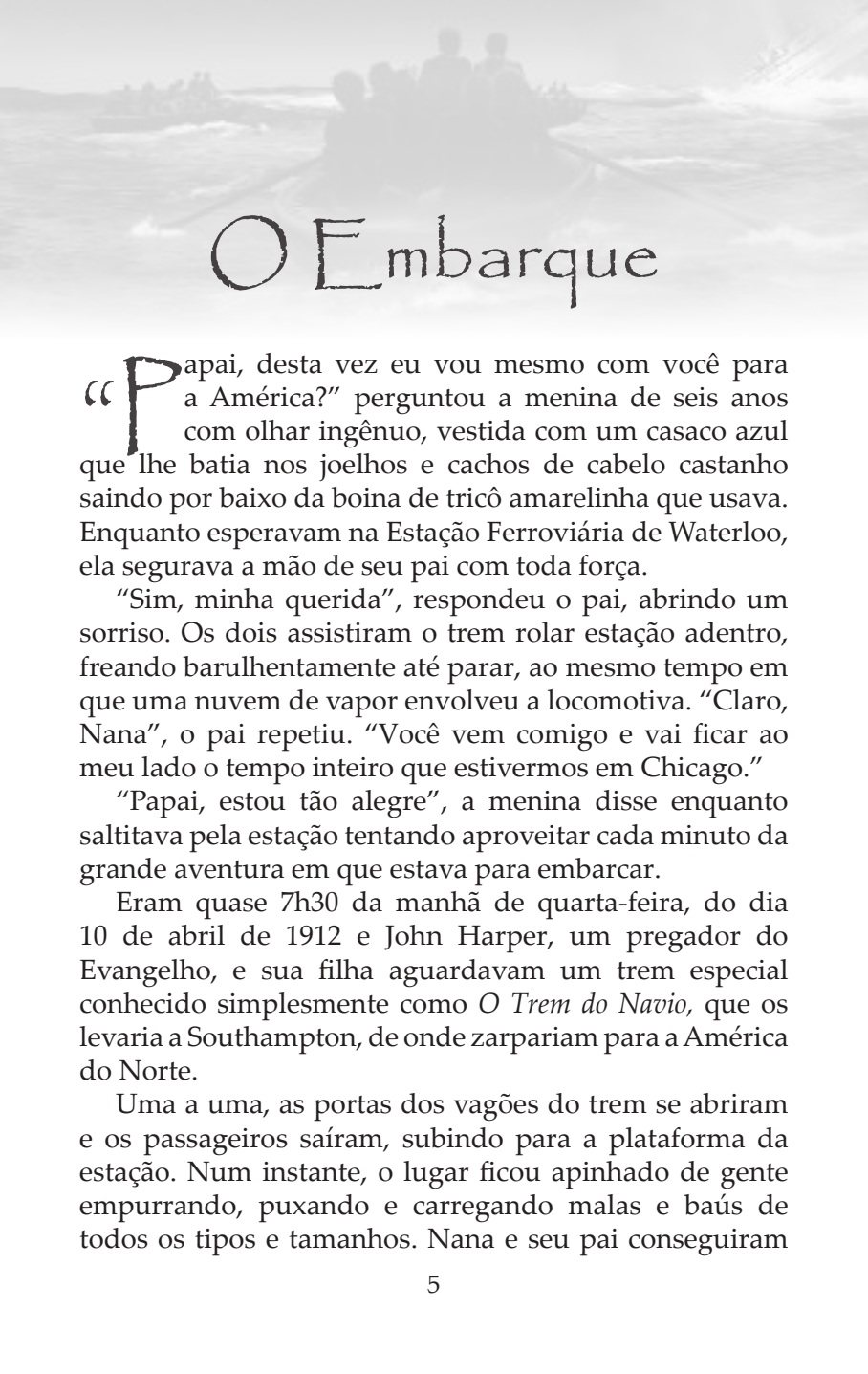
Bibliotecária responsável: Lueci Silveira CRB/10-2023

Sumário

O Embarque.....	5
Bem-vindos a Bordo.....	17
Hora de Explorar.....	25
Esta Passou Perto.....	33
O Mais Rico.....	41
Amigos e Inimigos.....	45
O Testamento Perdido.....	53
Amigos na Primeira Classe.....	57
O Capitão e o Carvão.....	71
Perdão!.....	85
Iceberg!.....	93
Nana em Segurança.....	101
O Ladrão Arrependido.....	109
Descrentes nos Botes Salva-vidas.....	115
Mais Perto Quero Estar meu Deus de Ti.....	121
Indo para o Céu.....	129
Órfã.....	139
Quem foi João Harper?.....	143
P.S. sobre Nana Harper.....	145
Lições Importantes - Tire Cinco Minutos.....	147

Nota do Autor:

Os Collings e os Harrisons eram pessoas reais que viajavam no Titanic. Os Courtneys e os Harts – tiveram seus nomes mudados por causa dos descendentes vivos. Os outros nomes foram mantidos inalterados. Os eventos que envolvem as últimas horas de vida de João Harper foram, em sua maioria, colhidos de testemunhas oculares. Alguns incidentes descritos como tendo se passado a bordo do navio foram imaginados pelo autor. Entretanto, embora fictícios, eles baseiam-se em informações e relatos históricos sobre a vida a bordo do Titanic.



O Embarque

“Papai, desta vez eu vou mesmo com você para a América?” perguntou a menina de seis anos com olhar ingênuo, vestida com um casaco azul que lhe batia nos joelhos e cachos de cabelo castanho saindo por baixo da boina de tricô amarelinha que usava. Enquanto esperavam na Estação Ferroviária de Waterloo, ela segurava a mão de seu pai com toda força.

“Sim, minha querida”, respondeu o pai, abrindo um sorriso. Os dois assistiram o trem rolar estação adentro, freando barulhentemente até parar, ao mesmo tempo em que uma nuvem de vapor envolveu a locomotiva. “Claro, Nana”, o pai repetiu. “Você vem comigo e vai ficar ao meu lado o tempo inteiro que estivermos em Chicago.”

“Papai, estou tão alegre”, a menina disse enquanto saltitava pela estação tentando aproveitar cada minuto da grande aventura em que estava para embarcar.

Eram quase 7h30 da manhã de quarta-feira, do dia 10 de abril de 1912 e John Harper, um pregador do Evangelho, e sua filha aguardavam um trem especial conhecido simplesmente como *O Trem do Navio*, que os levaria a Southampton, de onde zarpariam para a América do Norte.

Uma a uma, as portas dos vagões do trem se abriram e os passageiros saíram, subindo para a plataforma da estação. Num instante, o lugar ficou apinhado de gente empurrando, puxando e carregando malas e baús de todos os tipos e tamanhos. Nana e seu pai conseguiram

abrir caminho no meio dos passageiros até os vagões vazios.

“Pode deixar que eu levo, filhinha”, disse o pai carinhoso, curvando-se para levantar a menina e colocá-la no trem. Com Nana já dentro a salvo, John Harper levantou as duas malas de couro marrom e colocou para dentro do vagão.

O vagão no qual entraram tinha oito poltronas de cada lado e uma segunda porta nos fundos. A porta estava trancada, porque dava direto para os trilhos. Com muito cuidado, o pai de Nana colocou as duas malas na prateleira acima dos assentos e em seguida acomodou a menina na poltrona. Nana havia escolhido um lugar bem ao lado da porta. Dali podia espiar pela janela e observar a massa humana que se movia agitadamente na estação. A menina ficou boquiaberta quando um carregador chegou, acompanhando uma senhora com um maravilhoso vestido de veludo verde, até o compartimento onde estavam.

“Mas eu só viajo de primeira classe”, a mulher protestou para o carregador de rosto avermelhado, enquanto ele levantava sua mala e colocava para dentro, perto dos pés de Nana.

“Desculpa, minha senhora”, ele respondeu, “mas trem com primeira classe só daqui a duas horas. Se a senhora quiser, pode esperar, senão tem que ir neste mesmo, com os passageiros da segunda e da terceira classe. Ele vai para o mesmo lugar que o trem da primeira classe: para Southampton, encontrar o novo navio, *Titanic*.”

“Ninguém me disse que havia dois trens partindo hoje”, a mulher continuou seu protesto, “mas com certeza eu não vou esperar nem um minuto a mais nesta estação imunda. Isto aqui é uma desgraça.”

A mulher arrogante subiu no vagão onde a pequena Nana e seu pai estavam sentados e depois se voltou mais

uma vez para o carregador e disse: “Quando chegar ao *Titanic*, tenho certeza de que não precisarei esperar para viajar de primeira classe!” Ainda falando, a senhora tentou levantar sua bagagem para colocar na prateleira que ficava na frente da poltrona de Nana.

“Por favor, deixe-me ajudá-la”, disse John Harper gentilmente, levantando-se para pegar a valise de sua mão e erguendo-a até a prateleira. “Eles penduram estas prateleiras alto demais”, comentou.

“Muito obrigada”, a mulher agradeceu, amaciando um pouco a voz em relação ao tom ríspido que havia usado com o carregador da estação.

“O prazer é todo meu”, disse o pai de Nana, voltando para sua poltrona.

A mulher continuou de pé endireitando a roupa antes de sentar-se na poltrona oposta a de Nana.

“Não pude deixar de ouvir que a senhora está indo para Nova Iorque no *Titanic*”, John Harper falou logo. “Também temos reserva naquele navio, mas estamos indo para Chicago”, continuou, animado.

“Estou voltando para nossa casa nos Estados Unidos”, a passageira respondeu. “Meu marido é banqueiro aqui em Londres, mas temos um apartamento enorme em Nova Iorque. Eu sempre viajo de primeira classe, mas não sabia que havia dois trens para Southampton hoje, porque se soubesse teria chegado mais tarde”, continuou dizendo com um ar indignado.

“Como é a cidade de Nova Iorque?” interrogou Nana, enquanto seus olhos ainda admiravam o vestido de veludo e brocado que a mulher rica usava.

“Ah, é ma-ra-vi-lho-sa”, replicou, colocando bastante ênfase na palavra maravilhosa. “Na verdade, acho que é o lugar mais incrível da face da terra!” continuou, começando a perder a postura altiva à medida que sorria para Nana

com mais facilidade. “Em Nova Iorque, tem programas fantásticos toda noite nos teatros, e os restaurantes ficam abertos a noite toda. Tem confeitarias e atrações de rua em cada esquina. É realmente um lugar espetacular. Você vai ter que deixar seu papai e sua mamãe aproveitarem um pouco!”

“Mamãe foi para o céu”, Nana respondeu baixinho. “Ela foi para lá quando eu nasci. Eu não me lembro de como ela era.” A voz da menina parecia tranquila ao falar da perda da mãe que nunca conheceu. “Mas eu tenho uma foto dela neste pendente aqui!” continuou, cada vez mais alegre enquanto abria um pequeno medalhão de prata e mostrava a foto para a senhora.

“Ah, meu...” a mulher respondeu, corada de vergonha, “Não... eu não queria... hum ... eu sinto muito sobre sua mãe”, finalmente conseguiu colocar as palavras para fora.

“Tudo bem”, Nana respondeu. “Sei que ela está feliz no céu com Jesus.”

A senhora inclinou-se para a menina e disse carinhosamente, “Tenho certeza que está sim.” Em seguida, voltando-se para o pai da menina, abaixou o tom de voz e disse, “É tão bom quando eles têm esta idade e ainda acreditam nestas coisas, não é?”

“Acreditam em que coisas?” John Harper respondeu com simplicidade.

A mulher dobrou-se para chegar mais perto dele e abaixou o tom de voz ainda mais, para que Nana não escutasse, “Acreditam em céu”.

“Mas, isto não é uma fantasia infantil”, replicou o pai de Nana. “De modo nenhum. O céu é um lugar real e maravilhoso que Deus preparou para os que confiam em seu Filho como Salvador.” A mulher olhou para o homem sentado a sua frente, com uma expressão de surpresa, mas também pensativa. “Olha”, ele continuou, “eu sou

um pregador do Evangelho e estou a caminho de Chicago para fazer uma série de pregações na Igreja do Moody, onde vou falar sobre o amor de Deus, o Senhor Jesus Cristo e sobre o caminho para o céu". Ele fez uma pausa e olhou para a mulher que parecia estar interessada no que ele dizia.

"O senhor já pregou na América?" a mulher inquiriu educadamente.

"Sim, estive lá no final do ano passado. Desta vez, pediram que eu ficasse três meses, e eu estou tendo o prazer de levar minha filha comigo. Nós íamos viajar com o *Lusitania* de Liverpool na semana passada, mas mudamos nossos planos e agora nossa intenção é embarcar na segunda classe do *Titanic*. A senhora pode imaginar como a minha filha está vibrando com esta perspectiva."

"Igreja do Moody", a mulher repetiu pensativa. "Deve ser a igreja daquele evangelista americano D. L. Moody", arriscou.

"Ele mesmo", John respondeu, feliz por poder continuar a conversa.

"Interessante. Uma vez, eu fui ouvir esse pregador vinte anos atrás. Ele pregava junto com outro homem, que já não me lembro mais do nome, um que cantava." Ela fez uma pausa antes de acrescentar, "Aquele cantor era ótimo."

"Deve ter sido o Ira Sankey", John respondeu. "Moody e Sankey fizeram muitas reuniões aqui no Reino Unido e, na época, muitas pessoas aceitaram o Senhor Jesus como seu Salvador."

"Eu ouvi a pregação do Moody, mas ele não conseguiu me convencer sobre este negócio de pecado e de que eu necessitava de Jesus como meu Salvador. Sabe de uma coisa, eu não entendo para que eu deveria querer esse homem, chamado de Jesus, que já morreu há tanto

tempo. E de qualquer forma”, continuou, “não creio que eu preciso de nada. Posso ter qualquer coisa que quiser!”

“A senhora pode ter tudo que quiser, mas o que a senhora precisa mesmo é de um Salvador”, acrescentou o pai de Nana.

“O que o senhor quer dizer com isto?” a mulher respondeu surpreendida pela franqueza do senhor Harper.

“Bem, tem muita gente que ignora sua grande necessidade de ter o Senhor Jesus Cristo como seu Salvador porque preenche sua vida com outras coisas que considera mais importante. Na Bíblia está escrito, ‘*Como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação?*’ ”

A mulher voltou a atenção para a janela enquanto um guarda fechava a porta do vagão e se encaminhava para cima da plataforma. Alguns momentos mais tarde, soou o apito do guarda e sentiram uma sacudidela enquanto o trem começava a sair da estação.

Estavam se movendo tão devagar que parecia que a locomotiva não teria força suficiente para puxar a interminável fila de vagões parecida com uma cobra. Nana viu a comprida plataforma deslizar gradualmente ao longo do comprimento do trem. Logo ela ficou para trás, enquanto o trem apitava rolando pela ponte Waterloo sobre o rio Tâmisa. Quando os ocupantes do vagão olharam para o outro lado do rio, viram, à distância, a torre do relógio Big Ben e logo atrás dele os edifícios impressionantes das Casas do Parlamento.

O senhor Harper sorriu para a mulher e, apontando para o Big Ben, disse, “A Bíblia diz que ‘*É hora de buscar ao Senhor.*’ As pessoas parecem ter tempo para muitas outras coisas, mas não para Deus.”

A mulher olhou pela janela, pensativa, enquanto assistia a linha do horizonte do centro de Londres

desaparecer, lentamente, de vista.

Gradualmente, o trem começou a ganhar velocidade e logo, para Nana, parecia que estavam quase voando através dos barrancos e sobre as pontes. Passaram pela periferia de Londres, onde a estrada de ferro estava cercada pelos jardins das casas vitorianas. Os jardins começavam a voltar à vida sob o sol da primavera. Nana, maravilhada, via as árvores que começavam a brotar, passarem voando ao lado da janela do vagão, no meio das moitas de narcisos e primulas. As flores, com seus tons de amarelo vivo, embelezavam a grama verde dos barrancos ao lado da estrada de ferro.

“Tem trem na América também?” Nana perguntou ao seu pai, inocentemente.

“Imagina, minha querida”, a senhora respondeu, rindo alto, feliz pela oportunidade de mudar o assunto da conversa. “Lá existem trens dez vezes maiores e dez vezes mais rápidos do que os da Inglaterra!”

“Mesmo, de verdade?” Nana replicou voltando o olhar da janela para o rosto sorridente da senhora.

“Eles quase sempre são maiores e talvez um pouco mais rápidos, mas dez vezes mais é um exagero”, o pai de Nana interrompeu. “A senhora não concordaria comigo?” disse com um sorriso meio brincalhão.

A mulher, um pouco desconfortável, se mexeu na poltrona, “Talvez seja, mas são bem mais confortáveis!”

“Aí sim”, o pai de Nana riu, “tenho que concordar. Eles com certeza são muito mais confortáveis do que a maioria dos trens em que já andei aqui na Grã-Bretanha.”

“Já que estamos conversando”, a senhora sugeriu, “acho que é hora de nos apresentarmos devidamente. Meu nome é Margaret Smithers.”

“Tenho muito prazer em conhecê-la, senhora Smithers. Meu nome é John Harper e esta é minha filha, Annie Jessie,

mas eu a chamo só de Nana”, disse Harper, passando a mão pelo cabelo despenteado da menina. “Como Nana já mencionou, minha esposa, Annie, faleceu quando ela nasceu. Dei a Nana o nome da minha esposa Annie, mas por alguma razão com o passar do tempo ela virou Nana. Então, veja a senhora, tenho tentado fazer o papel de pai e mãe, mas não tenho certeza de estar cumprindo bem um papel nem outro.”

“Ah, não, papai”, Nana respondeu com entusiasmo, “você é o melhor pai do mundo e eu nunca vou querer deixar você; nunca”.

A senhora Smithers riu, “Tenho certeza de que ele é mesmo o melhor pai do mundo e, se não estou errada, acho que também tem um leve toque escocês no sotaque?”

“Sim, a senhora está certa”, o senhor Harper respondeu.

“Então, de onde o senhor vem?” a senhora Smithers perguntou.

“Da Escócia, de um pequeno vilarejo do qual, tenho certeza, a senhora nunca ouviu falar, chamado Bridge of Weir.”

“O senhor está certo. Nunca ouvi falar. O senhor ainda vive lá?”

“Não, já saí de Bridge of Weir há muito tempo. Eu era pregador em Glasgow há muitos anos e dezoito meses atrás Deus me direcionou a mudar para Londres. Agora vivemos em Denmark Hill, no Surrey.”

“O senhor disse que Deus o direcionou para Londres?” a senhora Smithers questionou em tom de deboche.

“Sim, eu disse”, o senhor Harper respondeu sério.

“Como Deus direciona o senhor, Ele fala com o senhor diretamente do céu?” continuou de um modo zombeteiro.

Ignorando o seu tom de voz, o senhor Harper passou a explicar calmamente. “A Bíblia nos diz, *‘Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas’*. Por

isso, sei que se eu orar a Deus e ler minha Bíblia, ele me guiará sobre o que fazer e onde devo ir. Também sei que minha vida será mais feliz, porque Deus sabe o que é melhor para mim muito mais do que eu mesmo.”

A senhora Smithers abaixou o olhar antes de responder, “Eu admiro a sua crença em Deus, mas não tenho certeza se quero ou se preciso de uma fé como a sua. Como já disse, estou muito contente e tenho tudo que preciso.”

“Talvez a senhora pense que tem tudo que precisa para sua vida, mas e para a outra vida?” continuou o pai de Nana. “Veja, Senhora Smithers, nunca se sabe quando acontecerá um desastre ou se vamos passar por um perigo. E se algo inesperado acontecesse durante sua viagem para Nova Iorque? Eu tenho a certeza de que se morresse hoje iria para o céu, mas e a senhora? O que vai acontecer quando sua vida terminar e a senhora deixar para trás seu dinheiro, suas jóias e seus tesouros?”

A senhora Smithers contorceu-se desconfortável na poltrona, incapaz de responder a pergunta do pregador. Ela, então, voltou-se mais uma vez para a janela, como se alguma coisa chamasse sua atenção.

Àquela altura, o trem já havia deixado para trás as cidades e vilas e rolava, gentilmente, pelas colinas em direção ao sul.

A próxima parte da viagem passou muito rápido. A senhora Smithers tirou seus sais aromáticos de dentro da bolsa de veludo que combinava com o vestido e fechou os olhos como se estivesse tentando descansar um pouco. Até mesmo o senhor Harper tirou uma soneca enquanto Nana continuava sentada com o rosto apoiado na janela.

Os verdes e marrons do campo, finalmente, foram sendo substituídos por casas e outros edifícios à medida que o trem começava a passar através do que, sem dúvida, eram os subúrbios de outra grande cidade.

“Papai, Papai”, a vizinha entusiasmada de Nana rompeu o silêncio do vagão. “O trem está parando. Acho que já chegamos. Acho que estamos em Southampton.”

A senhora Smithers abriu os olhos e exclamou, “É verdade, estamos mesmo. Aqui já é Southampton. Logo estaremos nas docas e então, se tudo der certo, vamos parar quase do lado do *Titanic*.” A senhora Smithers suspirou, “Espero que eles tenham um carregador para me ajudar com as malas.”

“Papai”, Nana perguntou entusiasticamente, “nós também vamos ter um carregador para nos ajudar com as malas?”

“Não, meu tesouro”, respondeu, “nós mesmos cuidaremos das malas”.

Enquanto o trem chacoalhava atravessando a cidade, Nana continuou olhando pela janela, muito interessada nas casas, parques e fábricas que passavam pelos dois lados. A cena mudou outra vez quando cruzaram uma estrada, onde vários cavalos e carruagens carregadas de bagagens aguardavam impacientes que a locomotiva barulhenta passasse. Então, logo depois que cruzaram a rua, Nana avistou algo. Como nunca havia visto um navio antes, a menina quase ficou sem palavras, admirando, embevecida, o navio colossal que começava a aparecer no lado direito do trem.

“É...é...aquilo...ali...Papai?” a menina conseguiu murmurar com o rosto firmemente pressionado contra o vidro da janela. Ali estava, esperando por eles, o maior navio de passageiros do mundo, apelidado de “O Navio dos Sonhos”. “Aquele...ali...é...o...*Titanic*?” Nana perguntou outra vez com uma expressão de grande admiração em sua voz.

Seu pai sorriu e respondeu com uma risada, “Não estou vendo nenhum outro navio grande por aqui, então

deve ser aquele”.

O trem parou com um solavanco e, imediatamente, o movimento dos passageiros criou uma agitação na plataforma ao longo do cais onde o enorme navio estava atracado.

O pai de Nana retirou as belas malas de couro da senhora Smithers, assim como a sua própria bagagem, das prateleiras acima deles.

A senhora Smithers agradeceu ao senhor Harper, que lhe entregava a valise. “Muito obrigada pela ajuda. Felizmente meus seis baús estão no vagão de bagagens, mas esta aqui está com as minhas jóias, por isso tinha que ficar de olho nela.”

“Vamos nos encontrar de novo no navio?” Nana inquiriu esperançosa.

“Ah, eu acho que não”, a senhora Smithers foi bem clara ao responder. “Sabe, eu estarei na primeira classe e vocês na segunda. A bordo do navio, não é permitido que os passageiros das diferentes classes se misturem.” Ela fez uma pausa antes de acrescentar, “Mais uma vez obrigada por me ajudar. Talvez eu tire um tempo para pensar sobre as coisas que o senhor me disse. Entretanto, não acho que vou precisar me preocupar que alguma coisa terrível possa me acontecer nesse navio. Como o senhor deve saber, senhor Harper, dizem que o *Titanic* é completamente inafundável!”

O navio que nunca afundaria – um navio dos sonhos – tornou-se o navio dos pesadelos ao ser engolido pelas águas geladas do oceano Atlântico. Atingido por um enorme iceberg no dia 14 de abril de 1912, a tragédia do Titanic foi manchete nos jornais da época e ainda é lembrada muitos anos depois. 1.517 pessoas pereceram naquela noite, mas pelo menos um homem estava concentrado em salvar almas no meio do horror. Quando a água congelante finalmente interrompeu a vida de John Harper, ele direcionou suas últimas energias para levar mais uma pessoa a Cristo. Esta é a história daquela tragédia, mas é também uma história de fé, coragem e de esperança eterna.

